

Se te derem um limão, faça dele uma limonada: reflexões sobre racismo na obra de Monteiro Lobato

If you give a lemon, make it a lemonade: reflections on racism in Monteiro Lobato work

José Geraldo da Rocha¹

¹ Doutor em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor Adjunto Doutor no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Unigranrio. Bolsista de Produtividade 1 A Unigranrio / Funadesp. Líder do Grupo de Pesquisa no CNPq – Relações Raciais, Desigualdades Sociais e Educação

Recebido em 26 de outubro de 2015; Aceito em 03 de novembro de 2015.

Resumo

“Se te derem um limão, faça dele uma limonada: reflexões sobre racismo na obra de Monteiro Lobato” é uma contribuição nos debates acerca da obra “Caçada de Pedrinho” e as celeumas surgida no Ministério da Educação. O texto foi preparado para o debate no evento “Semana do Professor”, realizado em Taubaté no dia 14 de outubro de 2015. Os aspectos da percepção do racismo, fruto de um processo de consciência negra engendrado nas últimas décadas, influenciam no modo de reler algumas obras literárias, tidas como baluartes da literatura nacional. Os debates decorrentes de tais percepções tornam-se fundamentais na busca de construção de alternativas de combate ao racismo na produção do conhecimento.

Palavras-chave: Racismo. Literatura. Educação. Monteiro Lobato.

Abstract

“When life gives you lemons, make lemonade: reflections on racism in the literary work of Monteiro Lobato” is a contribution to discussions about the work “Pedrinho’s Hunting” and the uproar that arose in the Ministry of Education. This paper was prepared for discussion at the “Week of the Teacher” held in Taubaté on October 14, 2015. Aspects of perception of racism, resulting from a process of black consciousness engendered in recent decades, influencing the way to re-read some literary works, seen as bastions of national literature. The debates arising out of such perceptions become crucial in the search for building alternatives to combat racism in the production of knowledge.

Keywords: Racism. Literature. Education. Monteiro Lobato.

INTRODUÇÃO

Ao receber o convite para participar das discussões a respeito do preconceito na obra “A caçada de Pedrinho” num contexto da educação brasileira fui tomado por uma grande dúvida. Não se tratava apenas de aceitar ou não, mas quais as implicações de minha decisão, fosse ela qual fosse. Um dos fatores de tamanha dificuldade era o fato de não ser um estudioso da obra lobatiana. Sequer sou da área da literatura. Outro motivo estava associado ao fato de reconhecer Lobato como um “mito” da literatura brasileira, mesmo com os diversos problemas relacionados aos preconceitos, sobretudo aos negros. Entretanto a amabilidade do convite do professor Jose Carlos Sebe e a possibilidade de estar contribuindo no debate de um tema tão relevante no processo educacional brasileiro me fizeram suplantar os “temores”.

O presente texto é resultado de um esforço em contrapor um ponto de vista de um estudioso das relações raciais na contemporaneidade com a obra lobatiana construída em um contexto de eugenia que permeava o pensamento social brasileiro e a produção do conhecimento nas diferentes áreas do saber.

PARA INÍCIO DE CONVERSA

A compreensão do que segue está diretamente associada à compreensão de quem fala. Sou um homem negro nascido em 1958 no interior de Minas Gerais, atualmente morando na Baixada Fluminense – Rio de Janeiro, depois de crescer no Paraná e estudar no Rio Grande do Sul. Aos 25 anos de idade dei meus primeiros passos na descoberta da negritude e com isso, a compreender as artimanhas do racismo e do preconceito em relação aos negros no Brasil. A partir disso tornei-me um ativista das lutas contra o racismo e em prol da promoção humana, assim como da igualdade racial. Portanto, minha fala tem um lugar social particular de nascimento, assim como tem uma perspectiva humanizadora em seu horizonte.

Uma das primeiras descobertas da negritude foi a compreensão de alguns termos utilizados para designar negro na linguagem nacional são ofensivos e afrontam a dignidade humana. A título de exemplificação evocamos algumas conotações negativas presentes no Dicionário Aurélio “humor negro, lista negra, magia negra, mercado negro, ovelha negra, página negra, peste negra ‘sujo’, ‘funesto’, ‘maldito’, ‘perverso’ e ‘sinistro’. Ora isso não destoa do aprendizado da negritude.

DUAS PERGUNTAS INICIAIS.

Duas questões chaves têm me servido para essa imersão nas discussões da obra de Lobato. A primeira é: É possível acreditar que a literatura tem poder de influenciar as pessoas no seu modo de pensar e estar no mundo? Segundo a primeira questão a segunda trata-se de perscrutar se o escritor produz sua literatura influenciado pela realidade em que vive?

O ser humano é um ser que aprende cotidianamente. Essa é uma das experiências mais elementares de nossa existência. Ao pensarmos assim, o que vemos, o que lemos, o que ouvimos, o que nos contam, o que nos mostram, o que sentimos, tudo compõe nosso universo de aprendizado. Então a literatura pode sim influenciar nosso modo de pensar e estar no mundo. Do mesmo modo os acontecimentos, os fatos, a realidade, os sonhos, a criatividade, contribuem decisivamente na nossa produção e sistematização de conhecimentos nas mais diversas áreas do saber. Nesse sentido a afirmação de Nelson Mandela tem uma relevância impar nas reflexões sobre o preconceito na literatura “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar...”

Alguns estudiosos têm demonstrado o quanto a literatura brasileira alimenta o preconceito e o racismo. Em consequência de tal postura, constrói-se uma “invisibilidade” do negro. Ou quando é retratado, na maioria das vezes é feito de modo pejorativo, gerando e divulgando uma “imagem” de subalternidade do negro na cultura nacional. Ao se tratar da mulher negra a situação fica ainda mais complexa.

Um estudo realizado pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, coordenado pela professora Regina Dalcastagnè, mostrou o verdadeiro racismo oculto que existe na literatura brasileira. O estudo realizado na UnB (Universidade de Brasília) abrangeu o período de 1900 a 2004 e revelou uma ausência das mulheres negras nos romances brasileiros publicados nas três principais editoras do país: Record, Rocco e Companhia das Letras. Das 1.245 personagens catalogadas, apenas 34 são mulheres negras. Destas, quase 70% ocupam papéis de domésticas, prostitutas, donas de casas, escravas ou bandidas. A pesquisa analisou 256 obras e apenas 2,7% tinha uma mulher negra na história. Do total de obras analisadas, em apenas três situações elas foram protagonistas da história, no entanto, em apenas um romance, a narradora foi uma mulher negra. A coordenadora do estudo ressalta a importância das mulheres negras terem voz na literatura: “Quando uma personagem fala, ela adquire poder, faz com que o leitor siga pela perspectiva da mulher negra”. O estudo mostrou também o caráter dominante nos personagens da literatura brasileira. Mais de 70% dos personagens analisados nas mesmas obras eram homens brancos de classe média, heterossexuais e de nível superior. “É uma ilusão que a literatura seja um objeto artístico muito crítico. Ela é produzida por uma elite branca, que reflete suas representações, assim como o cinema, o teatro” disse Regina. A ausência das mulheres negras na literatura, não é apenas uma característica da literatura do período analisado, como foi mostrado no estudo, mas um pequeno panorama de uma literatura oficialista racista e comercial dominada pela ideologia burguesa que se perpetua desde os tempos de escravidão.

(Disponível em: <http://www.pco.org.br/negros/o-racismo-tambem-esta...literatura/izbp,o.html>)

A concepção de subalternidade imposta ao negro na cultura nacional pelo pensamento racista e preconceituoso não é “privilegio” de Lobato, tampouco apenas da literatura. Para compreender como isso se dá nas relações sociais basta observarmos com um olhar mais apurado os espaços sociais. A “inexistência de negros é uma denúncia constante do racismo. Nossos grandes auditórios os públicos são notadamente de brancos. Nosso Congresso Nacional, Senado Federal, Assembleias Legislativas, Câmaras Municipais, Exército Brasileiro, Marinha, Aeronáutica, Judiciário, Ministérios, Diplomacia, Empresariado Nacional seja da indústria, seja do comércio. Também nas universidades essa ausência negra se faz notar em algumas áreas do conhecimento Exatas, Saúde e Tecnológicas.

O racismo propagado está em consonância com o processo de embranquecimento desejado como projeto de nação. Em tal projeto, negros, e indígenas foram compreendidos como degenerescências. Assim era o modo de pensar eugênico, onde EU significava bem e GENIA, nascido ou gerado. E isso se pensava que apenas os brancos eram portadores.

Esse modo de pensar permeou as relações sociais e persiste arraigado na contemporaneidade. E toda vez que achamos isso natural, ou naturalizamos tais situações, legitimamos, um pensar eugênico. Legitimamos o branqueamento e conformamos com a supremacia branca europeia em terras brasileiras.

A qualificação do olhar para perceber as artimanhas do processo de branqueamento me tem feito buscar novas referências para ler a presença do negro e as formas como estes são retratados na literatura.

A utilização dos termos e expressões na linguagem literária e suas naturalizações na linguagem nacional são frutos de uma construção cultural em um contexto de Eurocentrismo, de dominação e supremacia racial branca.

A associação de preto, negro a tudo que não presta, feio, sujo, sem valor, burro, bandido, pobre, ignorante, mal faz parte do processo de branqueamento

Em função do branqueamento organiza-se um sistema de mecanismos para aprimorar o processo de negação do negro na sociedade brasileira e com isso “*decreta-se*” o sumiço do negro na nação brasileira.

O desejo de erradicação do negro na sociedade brasileira aqui retratado na literatura, associa-se a outras formas desenvolvida no país com tal intuito. Não bastasse a escravização, os negros após abolição ficaram sem direitos à terra, sem direito à moradia e sem direito à comida. Isso encerra “*decreto de morte*”. Outros decretos surgiram como reforços nas tentativas de extermínio do negro. Nega ao negro direito a educação (Decreto 1.331 de 17/02/1854) e horário noturno para negros estudarem (Decreto 7.301 de 6/09/1878) caso houvesse professor disposto a isso.

Esses fatores vão influenciar diretamente na organização familiar do negro, onde tudo o que pertence à sua cultura será associado à ruim. Consequentemente, forja-se assim a negação da identidade aos que sobreviverem a tantas tentativas de extinção.

HÁ RACISMO EM LOBATO

Após essas considerações vem a pergunta: e então, era Lobato um racista? Pode se dizer que contém racismo e preconceito em sua obra?

A percepção do racismo na obra lobatiana está diretamente relacionada à consciência que se tem, na sociedade brasileira, sobre o lugar relegado ao negro na história nacional.

Consciência é saber que se sabe. É auto reconhecer-se. Há seres humanos que sabem que são seres humanos. E há os que não sabem explicitamente que são seres humanos. O que faz a diferença é a consciência. (...) sem a consciência, os seres humanos se nivelam às coisas. São trocáveis como objetos. (ARDUNINI, 2002:84)

É, em princípio, uma questão de consciência negra. Tal consciência vem sendo construída, despertada nas últimas décadas à duras penas. Saber que se sabe que é negro é um exercício de auto reconhecimento. É um exercício que recobra a humanidade do negro, historicamente negada. Existem negros que não sabem que são negros. Existem negros que foram ensinados a não saberem que são negros. Existem brancos que não reconhecem a existência de negros nas suas relações cotidianas. Existem brancos que mesmo sabendo da existência dos negros os tratam ainda com os resquícios da escravidão. Existem também brancos que sabem que existem negros e os reconhecem como tal. A consciência da dignidade humana ainda não se faz presente na cotidianidade da existência humana. A reflexão da problemática do preconceito e racismo na obra de Lobato não pode desconsiderar o contexto da sua produção. Cada coisa na obra de Lobato tem o seu contexto e cada contexto pode contribuir para refletir as mesmas coisas em um outro contexto. A descontextualização é um dos tantos males da contemporaneidade. O texto fora do seu contexto, via de regra, induz a equívocos epistemológicos. Lobato é fruto de um pensamento que marcou a sua época. E nesse pensamento a supremacia branca estava posta como modelo de sociedade.

No contexto ideológico de eugenia, a produção literária cumpria uma normatividade. Uma pergunta que se coloca na atualidade é, o desejo da branquitude é questão superada na sociedade brasileira? Na verdade, a ideologia do branqueamento tem perpassado séculos e continua fazendo suas vítimas na contemporaneidade.

Uma das melhores formas de conhecer em profundidade uma obra literária está relacionada ao co-

nhecimento da trajetória de vida de seu autor. A literatura como expressão da alma humana, cada ser humano ao produzi-la, o faz desde um lugar sociocultural e ideológico. Dito isso, entender a obra de Lobato passa necessariamente pela compreensão do homem Lobato.

Lobato, um influente autor brasileiro do século XX, era racista de perigosa influência nos bancos escolares, consumido com avidez pelas crianças. Porém... “Há evidências suficientes para afirmar que (...) Monteiro Lobato era de fato racista (...) foi membro da Sociedade Eugênica de São Paulo e amigo pessoal de expoentes da eugenia no Brasil, como os médicos Renato Kehl (1889-1974) e Arthur Neiva (1880-1943). Uma carta escrita por Lobato a Neiva, em 1928, desmancha dúvidas dos mais intransigentes. Eis um trecho dela, conforme o original: “Paiz de mestiços onde o branco não tem força para organizar uma Kux-Klan, é paiz perdido para altos destinos. André Siegfried resume numa phrase as duas attitudes. ‘Nós defendemos o front da raça branca – diz o Sul – e é graças a nós que os Estados Unidos não se tornaram um segundo Brazil’. Um dia se fará justiça ao Klux Klan (...) que mantem o negro no seu lugar”. (Mauricio Dias, site Geledes)

Reler a história à luz das inquietações contemporâneas em diversas situações acabam criando um emaranhado cognitivo ao ponto de perdermos o horizonte e as perspectivas. A cada tempo cultural existem fatores que determinam um modo de pensar, de agir e de compreender o mundo. A literatura não foge a esse contexto.

Tem se tornado muito comum na atualidade depararmos com obras literárias consideradas baluartes e aí identificamos elementos de conotações preconceituosas. Tais conotações nem sempre são perceptíveis por muitos indivíduos. Aqueles com um nível de consciência mais aguçado conseguem perceber. A percepção acaba desencadeando diferentes tipos de reações. Desde aqueles que se posicionam no campo do “deixa pra lá” até os que evocam a teoria do “jogar fora a criança com a água suja da bacia”. Então diria, nem tanto à terra, nem tanto ao mar. Isso demanda colocar cada coisa no seu devido lugar.

Os personagens de Monteiro Lobato foram constituídos num contexto cultural que não pode ser desconsiderado. E sob essa ótica precisam ser interpretados. O processo de supra valoração da cultura europeia na sociedade brasileira influenciou Lobato e tantos outros em seu modo de construção dos seus personagens e seus enredos. Daí que a compreensão da história pode contribuir para se fazer tal leitura.

A produção literária, assim como a produção científica de modo geral espelha um contexto sócio cultural e representa os interesses das classes a que pertencem. Seria inconcebível há trinta anos atrás eu escrever qualquer coisa que fizesse sentido para a luta contra o racismo. Eu vivia em um outro contexto e com um nível zero de consciência a respeito do negro. Entretanto nos últimos trinta anos, tudo o que escrevo cientificamente tem como foco o afrontamento do racismo, dos preconceitos e da discriminação, com vista à promoção da igualdade racial e da dignidade humana. Como Lobato não escreveria com tal recheio eugênico, sendo ele quem era? Os barões do café tinham uma visão sobre os negros. Qual era? Não era Lobato descendente da “dinastia dos barões do café”? Quem foi o primeiro e único Barão de Tremembé, senão avo de Monteiro Lobato?

A transposição cultural de um texto, de um conto, de uma obra, de um autor, quando feita desavisadamente pode incorrer em situações que ao invés de ajudar, acabam atrapalhando ainda mais. O que desejo dizer com isso? É que toda e qualquer situação onde se evidencia problemas de ordem étnico racial afrontando a dignidade humana dos negros propicia uma oportunidade de amadurecimento do debate. A celeuma em torno da obra “Caçada de Pedrinho” analisada desse ponto de vista é salutar no debate das relações raciais no Brasil.

Tenho acompanhado os debates no que tange ao racismo presente na obra de Monteiro Lobato. Ao meu ver, não se pode negar tal marca, entretanto não se pode também desprezar a literatura de Lobato. Pro-

ponho que a obra seja utilizada à luz da consciência contemporânea forjada nas lutas de combate ao racismo como instrumento de aguçamento da percepção e despertar de uma nova consciência cidadã, que passa pela superação dos estereótipos elucidados na literatura lobatiana. Em outras palavras, é usar as situações de discriminação para implementar o debate e buscar soluções, envolvendo o máximo de pessoas possíveis. O contrário disso é isolar a obra, retirando-a da sala de aula, do contexto dos alunos.

Personagem, por personagem, de Lobato carrega em si um potencial de fomento das discussões sobre o racismo, coisa que o autor talvez não tenha imaginado em oferecer na sociedade brasileira. Eles externalizam concepções de uma época, mas que perpassaram décadas e mais décadas atuando na subliminaridade da formação da identidade nacional.

A utilização da literatura ou mesmo das ciências como mecanismos de propagação do racismo não é um mal exclusivo de Lobato e muito menos está associado unicamente à época de Lobato. Grandes pensadores brasileiros do passado fizeram isso. Grandes pensadores da atualidade fazem isso e muitos outros que virão continuarão fazendo. O problema racial no país está muito longe de ser visto como um mal que aplasta a dignidade humana dos negros por uma grande maioria da população brasileira. Ao contrário, é utilizado como estratégia de dominação e freio de mobilidade social.

A supremacia branca é morte à consciência negra. Quando a literatura propicia reforçar tal supremacia ela contribui para a morte da consciência negra. Matar a consciência é matar a dignidade humana nos negros. Daí que as reações a Lobato são frutos do engendramento de uma nova consciência a respeito da dignidade humana dos negros e dos mecanismos utilizados na sociedade como forma de negação de direitos. Desse modo, a literatura, a história, a medicina, a biologia, a antropologia, cada uma ao seu modo acaba contribuindo desde a invisibilização do negro até a criação dos estereótipos e estigmatização, cuja consequência é a negação da consciência, do ser e da dignidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A possibilidade do debate sempre constitui uma oportunidade de enriquecimento. A questão racial no Brasil ainda é, em muitas situações, um tabu a ser superado. No universo da produção do conhecimento alguns entraves ainda se fazem notar. Ao meu ver, acho interessante pensar que isso não será superado com uma nota de rodapé em uma obra literária, não será superado simplesmente com um decreto e nem com uma lei. Não quero com isso dizer que tais mecanismo não sejam importantes. Talvez seja necessário juntar esses mecanismos com nossas atitudes cotidianas. Daí que a presença dos negros nos espaços é fundamental, e na sociedade brasileira, em muitos lugares os negros não estão. Se compreendemos que a ausência dos negros em determinados espaços é resultante das práticas racistas e discriminatórias na sociedade brasileira, a sua inclusão é condição *sine qua non* para que a situação seja resolvida. Sair da subalternidade para desempenhar papel de sujeito na história é proclamar a dignidade humana dos negros e consequentemente a sua identidade terrena. Pode a literatura e as demais campos do conhecimento contribuir com isso? Evidentemente que sim, e de modo particular, não propagando estereótipos nocivos à dignidade do negro.

REFERÊNCIAS

ARDUNINI, Juvenal. Antropologia, ousar para reinventar a humanidade. São Paulo: Paulus, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. O outro Lobato: juca tatu. Taubaté: Unitau 2012

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Os filhos de Lobato, o imaginário infantil na ideologia do adulto. São Paulo: Editora Globo, 2011, 2ª Edição. Disponível em: <http://www.pco.org.br/negros/o-racismo-tambem-esta...literatura/izbp,o.html>)

GELEDÉS. Monteiro Lobato, racista empedernido. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/monteiro-lobato-racista-empedernido/#ixzz3e5PGa6zb>